

FISSURAS NA HISTORIOGRAFIA OFICIAL DE SENA MADUREIRA: UM ESPAÇO-LUGAR PLURAL

DOI:

Emilly Ganum Areal
Universidade Federal do Acre, Diretoria de Apoio ao Desenvolvimento do Ensino,
Coordenadoria de Currículo, Acre - Brasil
emilly.areal@ufac.br
<https://orcid.org/0000-0002-3308-9748>

Valda Inês Fontenele Pessoa
Universidade Federal do Acre, Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagem e
Identidade, Acre - Brasil
valda.pessoa@ufac.br
<https://orcid.org/0000-0002-0276-0949>

Danilo Rodrigues do Nascimento
Universidade Federal do Acre, Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagem e
Identidade, Acre - Brasil
danilo.rodrigues@ufac.br
<https://orcid.org/0000-0001-6569-3053>

RESUMO: Este trabalho foi articulado a partir de disciplinas, eventos e grupos de estudos no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagem e Identidade da Universidade Federal do Acre (UFAC) e tem como objetivo compartilhar histórias ignoradas pela narrativa amazonialista oficial. Temos a intenção de dar a ver, histórias contadas por prostitutas, seringueiros, padre-médico, histórias de incesto, que tratam de experiências sociais vividas e caladas na cidade de Sena Madureira, a partir de sujeitos que falam de suas memórias e de seus relatos pessoais. Nesse sentido, o caminho teórico-metodológico foi construído em diálogo com a pesquisa descritiva e bibliográfica a partir da investigação de relatos de sujeitos que falam de suas memórias e de suas experiências pessoais, conforme Souza (2010); Souza *et al.* (2004); Queiroz *et al.* (2004) e Loureiro (1981). O resultado parcial desse estudo, evidencia narrativas negligenciadas pela historiografia oficial amazonialista, que tradicionalmente têm sido dominadas por relatos de colonizadores que, por vezes, silenciam as vozes dos sujeitos historicamente marginalizados.

PALAVRAS-CHAVE: Histórias. Memórias. Sena Madureira.

FISSURES IN THE OFFICIAL HISTORIOGRAPHY OF SENA MADUREIRA: A PLURAL SPACE-PLACE

ABSTRACT: This work was articulated from classes, events and study groups within the scope of the Programa de Pós Graduação em Letras: Linguagem e Identidade at the Federal University of Acre (UFAC) and aims to share stories ignored by the official Amazonialist narrative. We intend to reveal stories told by prostitutes, rubber tappers, priest-doctors, stories of incest, which deal with social experiences that are lived and silenced in the city of Sena Madureira, based on subjects who talk about their memories and personal stories. In this sense, the theoretical-methodological path was built in dialogue with descriptive and bibliographical research based on the investigation of reports from subjects who talk about their memories and personal experiences, according to Souza (2010); Souza *et al.* (2004); Queiroz *et al.* (2004) and Loureiro (1981). The partial result of this study highlights narratives neglected by official Amazonialist historiography, which has traditionally been dominated by stories from colonizers that, at times, silence historically marginalized subjects.

KEYWORDS: Stories. Memories. Sena Madureira.

1 O texto é uma versão ampliada do resumo apresentado e comunicado oralmente no XV CONGRESSO LINGUAGENS E IDENTIDADES AMAZÔNICAS "EMDEPENDÊNCIAS SECULARES", realizado em dezembro de 2022, na UFAC, com o título: Espaço-lugar de trânsitos: Uma Sena Madureira de histórias e memórias não prestigiadas pela historiografia oficial.



O presente artigo foi articulado a partir de disciplinas, eventos e grupos de estudos no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagem e Identidade da Universidade Federal do Acre (UFAC), e tem como objetivo demonstrar artifícios utilizados para a construção da narrativa sobre a Amazônia, evidenciando o modo como o imaginário influencia e modifica percepções que geram consequências nesse processo. Nosso propósito é compartilhar histórias ignoradas pela narrativa amazonialista oficial. Temos a intenção de apresentar histórias contadas por prostitutas, seringueiros, padre-médico, histórias de incesto, que tratam de experiências sociais vividas e caladas na cidade de Sena Madureira, a partir de relatos sobre esses sujeitos, conforme publicado nas obras de Souza (2010); Souza *et al.* (2004); Queiroz *et al.* (2004) e Loureiro (1981).

Trazemos à tona narrativas negligenciadas pela historiografia oficial amazonialista, que tradicionalmente têm sido dominada por relatos de colonizadores e silenciando as vozes dos sujeitos historicamente marginalizados. Essas narrativas desvelam contextos marcados por violências, muitas vezes ocultadas pelas produções que focam a história da região. Albuquerque, um dos pesquisadores mais influentes nessa temática, esclarece sobre a escrita da Amazônia acreana que é apagada nas perspectivas “cultural, linguística, ambiental, étnica e social dessa região é algo que ganha a conotação de desafio” (Albuquerque, 2015, p. 3). O estudioso tem contribuído para uma outra lógica de escrita que narra esse lugar múltiplo de uma forma menos ocidentalizada, universal, canônica e épica.

Alterar e produzir outros sentidos para expressões cunhadas pela grafia, pelas fronteiras de sua política e geopolítica, pelos projetos e intervenções que inventaram e projetaram as culturas e as naturezas desse(s) lugar(es) para o mundo do mercado e dos interesses de uma ideia de ocidente, também, inventada e exportada para os mundos europeus e não-europeus como universal: caminho único, perspectiva linear, evolucionista. Esse debate é com as mulheres e homens desse mundo, seus escritos, ideias, pensamentos, crenças.

Buscamos evidenciar as violências sofridas por essas comunidades e oportunizar que os sujeitos que foram silenciados historicamente tenham seus relatos conhecidos, ainda que a partir de registros de terceiros. Essas narrativas desafiam a perspectiva histórica dominante que uniformiza a cultura, a vida, a língua e a organização das comunidades nativas, e nos confrontam com as experiências de violência e opressão vivenciadas por esses grupos marginalizados. Nessa perspectiva, trilhamos o caminho teórico-metodológico dialogando com a pesquisa descritiva e bibliográfica em sintonia com os referenciais de Albuquerque (1995, 2016, 2020); Antonacci (2014); Benjamin (2008); Certeau (2000); Glissant (2005); Pizarro (2012), entre outros.

É importante destacar que as narrativas que abordaremos neste artigo não pretendem estereotipar ou reduzir essas comunidades a meras vítimas de violência. Pelo contrário, ao evidenciá-las, visamos romper com a invisibilidade imposta e revelar as his-

tórias complexas e multifacetadas desses sujeitos, que muitas vezes são negligenciadas pelos discursos dominantes.

Ao abordarmos essas narrativas, esperamos contribuir para uma compreensão mais ampla e inclusiva da história da região amazônica, reconhecendo a diversidade de experiências vividas por seus habitantes. Além disso, procuramos desafiar as narrativas hegemônicas que tendem a ocultar as violências e a marginalização sofridas por essas comunidades, promovendo assim uma abordagem mais crítica e sensível ao estudar a região amazônica.

Para isso, utilizamos fontes primárias, presentes em raras obras publicadas, como relatos pessoais, que nos permitem acessar essas narrativas silenciadas e trazer à tona perspectivas subalternas. Além disso, recorreremos a fontes secundárias e teóricas que abordam a história oral, a narrativa subalterna e os estudos pós-coloniais, a fim de embasar nossa análise e interpretação dessas histórias (Barros, 2019).

Buscamos ampliar o entendimento sobre a complexidade da história local, promovendo uma perspectiva mais inclusiva e crítica no estudo da região amazônica. Situar essas vozes no palco da história significa evidenciar as amazônias a partir da diversidade, refletindo acerca da força de como os lugares são narrados e ditos. Segundo Albuquerque (2016), fomos dados a ver a partir de narrativas eleitas levando em conta um lugar dado da natureza, dito como quente, abafado, vazio, cheio de piuns, meruins, onde os homens são preguiçosos. Um lugar que foi descrito a partir de um conjunto de narrativas que criaram a região, resultado de um discurso que enreda o amazonialismo marcado e tão presente na vida de quem habita esse lugar.

Nesse contexto, podemos recorrer à abordagem teórica de Michel de Certeau (2000) para compreender a construção da região amazônica a partir dos(as) discursos/narrativas sobre esse lugar. Segundo Certeau, a escrita desempenha um papel central na imposição de perspectivas dominantes sobre o espaço, permitindo que o homem descreva, nomeie e defina o que as pessoas e os lugares são. Nesse sentido, a Amazônia é concebida como um objeto natural construído pela escrita, e os discursos produzidos sobre ela são carregados de intencionalidades específicas dentro desse espaço/lugar caracterizado pelas múltiplas amazônias.

No entanto, é necessário questionar e descolonizar essas perspectivas dominantes que tendem a subjugar subjetividades e impor visões unilaterais sobre a região. Pensando a partir de Foucault (2005), a norma e a disciplina se articulam para regular os indivíduos e as populações, o autor adota esse conceito para se referir ao processo de regulação das sociedades modernas e compará-las às sociedades de normalização. Esses elementos moldam nossos corpos e mentes, limitando nossa capacidade de produzir e expressar outras narrativas e memórias.

Certeau (2000) questiona as poucas narrativas que tentam representar a história, ele afirma que o historiador fabrica história quando a constrói, ele discute essa tentativa de representação do real consagrado pela historiografia que se limita a discutir o alcance

dessa representação. A escrita, para ele, desempenha um papel significativo, pois ela é uma poderosa ferramenta de controle e reprodução de discursos dominantes, especialmente por meio da instituição escolar.

Ao reconhecer a escrita como um instrumento de poder, é importante explorar narrativas que valorizem a diversidade de histórias e perspectivas presentes na região amazônica. Isso requer um esforço coletivo para não continuar consagrando e elegendo narrativas dominantes para falar sobre esse lugar e sobre os sujeitos que habitam esse espaço. É necessário questionar as intencionalidades ocultas por trás delas e promover uma abertura para outras formas de expressão e compreensão.

Em síntese, a abordagem de Certeau (2000) nos convida a refletir sobre a construção da região amazônica como uma invenção da escrita e a necessidade de descolonizar nossas mentes, para que possamos valorizar a subjetividade e ouvir vozes das múltiplas histórias e memórias². A escrita, embora possa ser utilizada como instrumento de poder, também pode ser mobilizada de forma a desafiar as estruturas dominantes e promover uma compreensão mais inclusiva e plural da região amazônica.

INFLUÊNCIAS DE "UM PARAÍSO PERDIDO" NA CRIAÇÃO DESSE LUGAR

Nessa subseção trazemos uma síntese da obra "Um paraíso perdido" de Euclides da Cunha para situar o leitor e demonstrar a sua influência na construção de uma imagem da região amazônica e de seus habitantes, mostrando como essas representações, a partir de uma ótica amazonialista, interferiu na percepção desse espaço/lugar narrado por Euclides.

Euclides da Cunha recebeu uma missão do governo federal (1904-1905) para explorar as mediações do rio Purus, situado na Floresta Amazônica, uma região que faz fronteira com o Peru e que foi alvo de muitos conflitos no início dos anos do século XX. Euclides teve contato com Manaus e Belém, onde ambas cidades viviam seu tempo de grande pujança no período do extrativismo da borracha. Esse período colocava a região no circuito produtivo mundial. Além disso, Euclides narrou a migração dos nordestinos que em razão do ciclo econômico da região vinham em busca de oportunidade de trabalho, tanto trabalhadores rurais quanto profissionais especializados em outras áreas. Contudo, antes mesmo de vir para a região, Euclides se preparava lendo obras que davam conta de narrar questões topográficas, inventários acerca das condições naturais e as características dos habitantes feitas a partir de relatos dos expedicionários.

O propósito do governo que financiou a missão de Euclides era conhecer a região amazônica. A comissão diplomática que o jornalista integrou também demarcou a fronteira do Brasil com o Peru, estabeleceu-se que a partir dessa missão seriam promovidas políticas visando urbanizar, educar e sanear esse espaço territorial. A ideia era construir uma sociedade baseada no progresso idealizado pelas elites do século XX. O jornalista observou o brasileiro que vivia na região, sobretudo, o ribeirinho que vivia isolado na

² Cabe destacar que a compreensão de memória é pensada a partir de Le Goff (2003), entendida como a capacidade de armazenar informações, onde é possível atualizar informações passadas ou aquilo que representa o passado.

floresta e passou a narrá-lo como um sujeito abandonado, vivendo em um local distante da civilização, para ele, os brasileiros que viviam nas amazônias representavam o sobrevivente da natureza inóspita e, que, portanto, aquele tipo biológico poderia dar origem a uma nova raça (Cunha, 1986).

Após a missão realizada, no seu retorno ao Rio de Janeiro, Euclides pretendia reunir seus manuscritos e realizar uma nova obra “vingadora”, conforme ele nomeou para retratar melhor o homem da região, para explicar a integração daquele sujeito na vida nacional, porém, ele faleceu antes de concluir “Um paraíso perdido”. O título da referida obra evoca o sentimento do jornalista acerca do lugar distante, desconhecido, mas também de um lugar que poderia ser um começo diferente para iniciar uma outra lógica de progresso.

Euclides da Cunha (1986) contribui para a perpetuação de uma visão estereotipada da região amazônica, caracterizada por um “vazio” descrito pela ótica amazonialista que institui a Amazônia como um espaço infernal, desértico e infestado de mosquitos. Em suas palavras, ele descreve as águas como “malditas”, na qual proliferam mosquitos sugadores como os piuns e os carapanãs, portadores de febres (Cunha, 1986, p. 147). Euclides reforça o “vazio” que predominou na descrição desse lugar onde a ótica amazonialista prepondera, dando a ver um tipo uniforme de Amazônia, um espaço visto como infernal, desértico, cheio de mosquitos “aquelas águas malditas, onde fervilham os piuns sugadores, os carapanãs missários das febres, e se espalmam, derivando à feição da correnteza insensível, os mururés boiantes, de flores violáceas recordando as grinaldas tristonhas dos enterros” (Cunha, 1986, p. 147).

Euclides em “Um paraíso Perdido” (1986) narra o ser amazônico de modo homogêneo: um homem “rudimentar”, “sedentário”, “fixo”, “explorado”, “um judas”, “um prisioneiro”, são essas e tantas outras denominações que descreve a representação do seringueiro, do homem amazônico. Ao narrá-lo, utiliza uma série de adjetivos e denominações que reforçam estereótipos negativos e depreciativos. Essas representações reforçam a visão de um sujeito subjugado, marcado pela marginalização e exploração, oprimido pelas condições adversas da região (Cunha, 1986).

É importante reconhecer que a obra de Euclides da Cunha foi escrita em um contexto histórico específico, marcado pela influência de ideologias colonialistas e pela busca de uma identidade nacional baseada em um imaginário de fronteira e conquista. No entanto, é fundamental analisar criticamente essas representações e problematizar as narrativas que perpetuam estereótipos e visões limitadas sobre a região e seus habitantes.

A descrição de Euclides da Cunha não apenas contribui para a construção de uma imagem da Amazônia, mas também reforça as hierarquias sociais e econômicas presentes na região. Ao retratar o seringueiro e o homem amazônico como figuras marginalizadas e exploradas, ele perpetua uma visão que desconsidera a diversidade cultural, a riqueza das práticas sociais e o conhecimento tradicional presentes nas comunidades amazônicas.

Dessa forma, é importante abordar criticamente as representações construídas pela ótica amazonalista e buscar uma compreensão mais ampla e múltipla da região amazônica, considerando a complexidade de suas realidades sociais, culturais e históricas. Isso implica valorizar as vozes e as perspectivas dos próprios habitantes da região, permitindo que suas narrativas sejam ouvidas e respeitadas, promovendo uma descolonização do olhar em relação à Amazônia.

OLHANDO POR UMA PERSPECTIVA DECOLONIAL: MAIS PLURAL, MAIS INCLUSIVA E MENOS ESSENCIALISTA

Nesta subseção buscamos evidenciar vozes que denunciam violências praticadas, possibilitando que trabalhadores, seringueiros, prostitutas, padre e nordestinos, por meio de seus testemunhos escritos e de obras produzidas que relatam a época da exploração da borracha ecoem. É importante destacar que à medida que o tempo avança, aumenta a pluralidade de vozes que leva em conta sujeitos sociais múltiplos, que entende que todo discurso é interessado e passa a colocar em xeque a narrativa amazonalista de feição ingênua. É importante que cada vez mais indígenas, seringueiros, mulheres e minorias em geral escrevam e publiquem seus textos e não precisem de intermediários para investigar e narrarem suas histórias. Essa mudança é fundamental e implica em novas configurações menos excludentes.

Trazemos o lado que a história se encarrega de silenciar e para esse desiderato nos inspiramos em Pizarro (2012) que prestigia e festeja a interlocução entre a multiplicidade de sujeitos ignorados e não eleitos a dizer sobre esse lugar plural nomeado pela palavra no singular de Amazônia, apesar de sua abundante diversidade social e cultural. As narrativas dessa parte das amazônias, acabam se restringindo a relatar e evidenciar mais as violências do que de falar da cultura, da vida, das línguas e das formas de organização.

A partir do século XIX, a região amazônica foi descrita a partir de uma perspectiva discursiva única, cujo elementos como o clima, a dinâmica das águas, da fauna e da flora são abordados praticamente da mesma forma. Ao longo das descrições, as metáforas do vazio perseguem esse lugar, e essa narrativa colonizadora marca os corpos e os sentidos, elas ignoram a presença de sujeitos, cosmologias, subjetividades e descrevem para inscrever um lugar homogêneo a partir de uma invenção escriturária como nos fala Certeau (2000).

Ele diz que a região é uma invenção da escrita porque o homem toma para si uma perspectiva demiúrgica e passa a descrever, a nomear, dizendo o que as pessoas são; e nesse sentido, a Amazônia é esse objeto natural inventado pela escrita, cujos discursos são repletos de intencionalidades. Por isso, é importante descolonizar a mente e dar espaço para a subjetividade, porque os nossos corpos estão sempre habituados à disciplina. A escola consegue disciplinar com muita força, sobretudo, através da escrita, condicionando nosso olhar que se habitua a receber metáforas prontas ao invés de produzir outras histórias e assim, vamos nos acostumando a silenciar memórias e eleger histórias para dizer sobre um lugar e pessoas.

Até o século XVIII, o Estado financiava pesquisadores internacionais, dentre eles: padres, governadores, viajantes, prefeitos, que relataram com detalhes ao Estado o que interessava conhecer. Fomos narrados a partir de La Condamine (1992) e tantos outros que trataram de nos imaginar a partir de narrativas seculares, marcadas pelo vazio. Rios rebatizados, de forma homogênea, num lugar lento, não moderno e longe da civilização. Essas metáforas potentes estão nos escritos que narram esse lugar, em particular na literatura acreana.

Essa parte da Pan-Amazônica contada nos livros é muito narrada em razão da exploração do Ciclo da Borracha, inclusive por Euclides. Os rios, nomeados amazônicos: Purus, Iaco, Caeté e Chandless, têm histórias ricas de gente que viveu por meio deles, os quais possibilitaram o acesso a essa parte da Pan-Amazônia; os rios tiveram um importante papel na comunicação, na migração, na exploração e possibilitaram a vinda de nordestinos, de sírios, libaneses, de portugueses, de italianos, de franceses e de ingleses que, ao chegar nesse lugar, se depararam com um espaço já habitado por diversos povos indígenas que aqui viviam.

No contexto da modernidade, Belém e Manaus cresceram sob influência do modelo europeu, com suntuosidade na arquitetura, contavam com a presença das melhores companhias líricas italianas, com bondes, telefone, linhas de navegação e luz. Sob essa influência, o Alto Purus se desenvolveu e foi importante para o considerado progresso, tendo um fluxo de três a quatro navios diariamente no Porto do Rio Iaco, com menus à francesa e à inglesa, eventos nos coretos das praças e missas campestres. A história oficial trata de relatar que esse espaço-lugar foi fundado no dia 25 de setembro de 1904, chamado Sena Madureira, localizado à margem esquerda do Rio Iaco, e afluente à margem direita do Purus, conforme jornal “O Alto Purus”, nº 303, de 20 de julho de 1914, publicado na Revista do Centenário de Sena Madureira, Sena Madureira 1904-2004 (ACRE, 2004).

A ideia aqui é pensar na história não em uma perspectiva de reproduzir o que estava sempre narrado de forma linear, mas produzir, criar a história, sem a intenção de repetir o discurso dos vencedores, dos privilegiados como a historiografia oficial já se encarrega de fazer, buscamos o “estado de exceção” como nos ensina Benjamin, a fresta é nosso espaço de fuga, o lugar da abertura que precisamos insistir. “A tradição dos oprimidos nos ensina que o “estado de exceção” em que vivemos é na verdade a regra geral. Precisamos construir um conceito de história que corresponda a essa verdade” (Benjamin, 2008, p. 226). Nossa opção política e ética é de estar desse lado da história que eclode, produzindo fissuras a partir e com aquelas e aqueles dominados e oprimidos que falam nesse tempo presente acerca do passado morto que não pode ser visto como algo dado apenas a partir de uma ótica. Colocamo-nos na condição de problematizadores desse passado que é remexido na tentativa de descontinuar silenciamentos e possibilitar fendas nos “agoras”, no presente, para que no futuro como tão bem nos esclareceu Benjamin

(2008) não continuemos devotos à história dos que estão acostumados a vencer e, por conseguinte, a dizer.

Por outro lado, Albuquerque (2020) reforça a ideia de que é relevante para criar um outro quadro da historiografia da região (precisamos criar) engendrar espaços onde circulam outros discursos, a partir de outras abordagens metodológicas, trazendo para a cena, a rigor, sempre os silenciados. O estudioso alerta que esse exercício não é fácil porque uma escrita sempre é precedida de uma escolha política e, portanto, teórica para confrontar a posição histórica recorrente, a partir de uma relação que não se dá entre as palavras e as coisas, mas a palavra como produtora de sentidos e não meramente a partir de discursos sociais, mas entendendo que tudo é uma construção discursiva, onde literatura, cultura, memória e história estão mutuamente imbricadas, não são essencializadas, e o desafio é esse: romper com o discurso da essência, de verdades incontestavelmente únicas, recurso que a ficção através da literatura e da memória que não tem a preocupação de narrar historiograficamente são fontes potentes e libertadoras para transgredir as marcas coloniais, fazendo ecoar outras vozes que pensam e imaginam outras amazônias.

Intentamos falar na Amazônia acreana, senamadureirense, como parte desse “todo-o-mundo”, como espaço que é atravessado por línguas, territórios, culturas e sujeitos diferentes. No intuito de, como diz Glissant (2005), “viver a totalidade-mundo a partir do lugar que é o nosso, é estabelecer relação e não consagrar exclusão” (Glissant, 2005, p. 80). Na mesma direção do que diz Ana Pizarro, “A Amazônia é uma região cujo traço mais geral é o de ter sido construída por um pensamento externo a ela” (Pizarro, 2012, p. 31), ou seja, ela conforma um imaginário reproduzindo um discurso do colonizador, pretendemos romper com essa lógica discursiva que privilegia o discurso oficial.

Parece que Glissant (2005) traduziu muito bem essa beleza poética da diversidade, quando afirma, que podemos nos libertar a partir do imprevisto das relações e, a partir daí pode surgir uma coisa nova, a poética da diversidade pede troca, novas formas de se relacionar, novas formas de estar no mundo, para ter relação é preciso ter diferença, uma defesa da diferença para pensar outras questões. Não querer estabelecer régua para guiar sujeitos, histórias, trajetórias, grupos étnicos, como assim fez a historiografia recorrente.

Os grupos indígenas, por exemplo, são erráticos, por sobrevivência, por resistência ou por opção e nesse sentido, a cultura não é uma essência, às vezes é preciso fraturar, deslocar e a errância é uma categoria muito presente entre os indígenas, com os deslocamentos, longe da pureza, do fixo. Nesse sentido, Maldí (2007) esclarece que no século XIX, o discurso propagado é de que o nomadismo indígena se opõe ao sedentarismo, sendo este último uma condição basilar para estabelecer a civilização. A ideia era reduzir para concentrar na política indigenista da época, o Estado trabalhava para aldear sem respeitar os territórios tradicionais desses povos.

A luta pelo território é uma estratégia que segue uma lógica colonizadora, mas pensar no lugar, é pensar na relação com o mundo, o lugar com o mundo. Não dá para

permanecer preso a uma identidade atávica, fechada porque no cotidiano isso não se materializa. Glissant (2005) propõe uma ruptura, um deslocamento total, defende a diversidade cultural em meio a essa padronização do capitalismo. Ele destaca a importância da oralidade para recuperar o que ele chama de rastro-resíduo e foge dessa identidade única, desse sujeito essencializado, chama atenção para a diferença dentro da diversidade, destaca a importância da relação e nos exorta a não consagrar a exclusão. Orientados por essa perspectiva não essencializada é que buscamos diferentes vozes que compõem parte do espaço plural da cidade de Sena Madureira.

UMA SENA MADUREIRA DE HISTÓRIA PLURAL

O município de Sena Madureira está localizado no estado do Acre, possui 41.343 habitantes, de acordo com o último Censo demográfico realizado (IBGE, 2022), sendo o terceiro município mais populoso do Acre, distante cerca de 144 km da capital, Rio Branco. No dia 25 de setembro de 2024, o município completou 120 anos de fundação. Conforme a plataforma *online* DataMPE Brasil, que integra a plataforma de projetos do Serviço Brasileiro de Apoio à Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE, 2022), os setores econômicos que mais agruparam trabalhadores em 2022 foram: a administração pública; a defesa e seguridade social; o comércio varejista; a agricultura; a pecuária e os serviços relacionados a essas atividades econômicas.

Sena Madureira é um lugar que, em 1914, inaugurou o segundo trecho da “Purús-Ferro-Carril”, uma linha de bondes, que conduzia os convidados da Praça 25 de Setembro à rua Cayate, no Bosque, para festas campestres, mesmo durante a crise da borracha. Festas carnavalescas, comemorações da semana da pátria, um lugar onde os filhos de seringalistas tinham aulas no seringal, com professora de música, francês e espanhol e viajavam em luxuosas embarcações, em camarotes para Manaus.

Essa cidade que tem pouco mais de um século, tinha uma vida cultural diversa. No Theatro Cecy se apresentavam peças muito elaboradas. Havia também o Theatro Variedades, os Cinemas Trianon, do Ponto, Guiomar e União, reconhecidos pela qualidade de seus filmes e a frequência das sessões ao ar livre nas festas. As retretas³ eram realizadas pela Companhia Regional e Filarmônica Baptista d’Alcantara, que movimentava a cidade nos fins de semana e feriados. No carnaval, desfilavam pelas ruas carros alegóricos; à noite, aconteciam bailes à fantasia nas Casas de Teatro. Possuía três jornais à época: O Alto Purus, O Jornal, e a Gazeta do Purus, no qual as produções literárias sobre escritores da terra eram frequentes, conforme narra Boff (2020).

Com a entrada forte da borracha do Oriente no mercado internacional ocasionou a quebra da hegemonia dos seringais nativos e o declínio da economia local, e, por conseguinte, a decadência das casas aviadoras e dos barracões que não podiam garantir mais à subsistência dos seringueiros. Os Servos e Servas de Maria (OSM) chegaram em 1920 no Alto Purus, em um cenário de decadência e de êxodo. Sena Madureira foi sede da

3 Apresentação musical que acontece em espaços públicos, em geral, em praças.

prelazia⁴ em razão de seu fácil acesso para a navegação, e, claro, em razão da missão da igreja que era converter os “pagãos” ao evangelho cristão. Segundo Boff (2020), a orientação de Roma era clara: converter os nativos, infelizmente, os missionários não denunciavam e faziam vistas grossas ao regime de escravidão a que seringueiros e indígenas eram submetidos, se preocupavam mesmo em manter um bom relacionamento com os seringalistas.

É importante destacar que Benjamin (2008) sugere um rompimento com esse mito do progresso e recusa a ideia de fatalidade porque levaria a mudanças e, conseqüentemente, o destino natural seria manter-se inerte já que tudo seria modificado mesmo, esse princípio consagra a imobilidade, entretanto, esse processo nos impõe ação. O progresso está associado à barbárie porque os saberes produzidos e consagrados promovem o apagamento daqueles que são oprimidos ao privilegiar as memórias criadas de modo artificial e interessado. Comungamos com Benjamin (2008) ao sugerir que produzir criativamente pressupõe dar lugar a criação de outras memórias, novos passados e outras histórias. Somente a partir da década de 1970, o frei Miguel Lorenzini registra sua indignação quando diz: “Fiquei triste por ter entendido o quanto este pobre povo foi explorado. [...] Os patrões dos seringais cobram muito pela mercadoria, apesar de ser de baixa qualidade. Por isso a borracha não enriquece o seringueiro, mas aquele que se aproveita deste povo pobre”⁵ (Ficarelli *et al.*, 2018, p. 33).

Com a estrutura produtiva mudando, e com a Comissão Pastoral da Terra (CPT) e do Centro de Defesa dos Direitos Humanos, esses dois organismos dentro da igreja, começam a se inclinar a explicitar e tornar públicas as injustiças praticadas aos pobres. Em 1963, Padre Paolino Baldassari chegou a Sena Madureira, um homem que aprendeu, após cinquenta anos de convivência com índios e seringueiros, sobre ervas e folhas da floresta; ele produzia remédios caseiros para tratamento de cerca de 150 doenças. Atendia mais de 100 pessoas em um único dia; dentre elas, crianças, idosos, indígenas, católicos ou não. Um padre considerado desobediente, porque mesmo proibido pela igreja nunca deixou de praticar a medicina tradicional da floresta.

De acordo com o relato de Boff (2020), com a chegada dos “sulistas” que compraram grande parte das terras por um valor simbólico, o padre, chamado de comunista subversivo, organizava os seringueiros para lutar contra os fazendeiros. Ele falava sobre todas as injustiças e era conhecido por defender o direito dos seringueiros, dos povos *Kaxinawá*, *Manchineri*, *Jaminawae Kulina*; ele também foi perseguido pela Funai que o obrigou a ficar dez anos longe das terras indígenas. Construiu escolas na Boca do Iaco, na Boca do Caeté, no Silêncio, no Purus e por onde andava, a ideia era construir escolas para que os filhos dos seringueiros e ribeirinhos estudassem.

O senhor Altino Bezerra Chaves, seringueiro de 75 anos, morador da Comunidade Liberdade, no rio Macauã, em uma entrevista sobre o Padre Paolino, afirma:

4 É uma região que ainda não reúne todas as condições estruturais para ser uma Diocese, essa espécie de hierarquia estabelecida pela igreja católica define algumas condições: construção de paróquias, número de fiéis, relações com autoridades, missões etc. para que em pouco tempo a Prelazia se torne Diocese.

5 ARQUIVO GERAL OSM, Carta de frei Miguel Lorenzini de 1925.

Nós não tinha um palmo de terra, as pessoas expulsavam quando a gente não tinha como pagar renda, uma renda de trinta quilos e borracha por cada estrada. Às vezes a gente não era bom seringueiro, no baixo Macauã que também não dava muito leite, então muitas vezes eram expulsos.

Quando um certo tempo resolveram os patrões de maldade vender os seringais e ficamos deserdados. Os sulistas vieram, compraram pelo menos de 60% dos seringais e nós ficamos sem nada, não éramos donos de nada. E o padre entrou no meio, desfez essas vendas, fez que o INCRA desapropriasse. Um bocado dessas terras foram cortadas. Então todo mundo começou uma nova vida (Souza, 2010, p. 146-148).

Essa é apenas uma das narrativas que expressam a ação praticada pelo Padre Paolino que tinha a prática de enfrentar questões ligadas às injustiças sociais de forma recorrente. Sena Madureira era uma cidade tomada por um sentimento cosmopolita, que após o declínio da borracha passou por dificuldades, nas décadas de 70 e 80. A exploração de indígenas e seringueiros para extração da borracha passou a dar lugar à exploração de madeira e ao desenvolvimento da agropecuária.

Trazemos também neste texto a discussão acerca das prostitutas do Bananal, cujas experiências e cotidianos não constam nos registros oficiais da cidade, inclusive foram destruídos numa enchente que ocorreu em 1997. Essas histórias estão presentes na memória dos mais antigos e nos relatos orais coletados no texto de Sousa *et al.* (2004). A maioria das mulheres do Bananal veio dos seringais do Acre, outras do Pará e do Amazonas e até da França. Era comum, os seringalistas pedirem mulheres para serem negociadas, as idosas sofriam maus-tratos e o Bananal era a única opção. Inclusive, a relação sexual acontecia primeiro e só depois o pagamento era realizado, de acordo com o “tipo” de mulher. Segundo os relatos obtidos, as prostitutas do Bananal eram obrigadas pelos médicos a marcarem suas casas com um pano vermelho para indicar que estavam com doença venérea e assim não contaminar os frequentadores do espaço. Marcadas e estigmatizadas, as mulheres do Bananal só podiam sair na escuridão. O relato de R. C., ex-prostituta do Bananal, nascida no Seringal Novo Alegre, no rio Purus confirma:

Vimos embora pra cá... meu pai ficou na Praia da Vaca (Seringal). Fui trabalhar em casa de família. Quando cheguei só tinha duas ruas, só ali da catraia. Era muita dificuldade. Aí fui morar lá na Major João Cândio. Tinha um partido de bananeira mais infeliz do mundo. Aí, o finado Zé Nogueira (prefeito) mandou limpar e deu pra nós morar: eu, finada C., finada M., finada A. M., a finada Z. P., e a S. que ainda é viva, e muitas... Cada uma tinha sua casinha, o seu cantinho. A gente era desprezada pelos outros, sem valor nenhum. A polícia “empitava” da gente sair de casa, nem a boca da noite. Muitas vezes a gente tava com muita fome e não dava para obedecer e saía e aí eles pegava”⁶ (Sousa *et al.*, 2004, p. 103).

Conforme relatado no artigo de Sousa *et al.* (2004), as prostitutas do Bananal andavam mal vestidas, sujas, embriagadas, solitárias e em péssimas condições de vida; elas

6 Trecho do depoimento oral da senhora R. C. – 71 anos, ex-prostituta do Bananal, Sena Madureira, 2002.

dependiam de ações de caridade para se manterem. Parece que histórias como a de R. C. e tantas outras precisam ser discutidas, fica claro que o acesso aos espaços públicos era negado e suas existências ignoradas. Esse discurso machista e patriarcal trazido a partir dos registros orais demonstra a objetificação do corpo feminino, Antonacci (2014) afirma que essa situação se agrava quando esse corpo feminino é negro, geralmente, esses corpos são associados a objeto de desejo, mas para a autora, os corpos expressam de forma viva memórias, Em 1963, Padre Paolino Baldassari chegou a Sena Madureira.

Também não é narrado pela história oficial, as práticas de incesto. Conforme informado por Queiroz *et al.* (2004), não foi possível ter acesso ao livro de tombo da Paróquia “Nossa Senhora da Conceição”, cujo registro constava os incestos, a divulgação não foi autorizada pelo Bispo, conforme mencionado pelo autor, mas o senhor P. M. relatou um caso sobre a prática de relacionamento sexual entre parentes consanguíneos:

um seringueiro chamado Raimundo era casado e pai de cinco filhos, sendo que três eram meninas e que quando as filhas do mesmo estavam atingindo a adolescência, o pai as explorava sexualmente. Para tal ato usava de ameaças intimidando as crianças e até as espancava para que as meninas não contassem a ninguém. Sendo que sua filha mais velha F. ficou grávida dando à luz a uma menina, que sua própria mãe fez o parto. Porém, a criança nasceu morta e nenhum vizinho chegou a ver a criança. Seus familiares desapareceram com o corpo logo após o seu nascimento. A filha do agressor saiu de casa após o ocorrido. A segunda filha, L., também sofreu abusos por seu pai e deu à luz uma criança com problemas congênitos, que a mesma está com dezessete anos. Essa filha, ainda hoje, convive com o seu pai na mesma residência. Segundo relatos de vizinhos, sua mãe mora em um quarto separado⁷ (Queiroz, *et al.*, 2004, p. 121).

Em geral, essas práticas ocorriam com relativa frequência, essas histórias eram escondidas pelas esposas ou mesmo pelas filhas, submissas aos pais que não denunciavam as violências à justiça. Do incesto derivava uma gravidez indesejada, mas que era escondida para não “manchar” a honra da família. Meninas consideradas “defloradas⁸”, mesmo que comunicassem o fato ao delegado de polícia, era considerada culpada e o responsável pelo estupro era inocentado. Esse é o reflexo latente da sociedade machista, preconceituosa e injusta, que desencorajava as vítimas a denunciarem as violências sexuais sofridas: o incesto, o estupro e a negligência familiar praticadas por seus pais, irmãos ou avôs. O excerto acima, revela a multiplicidade de vozes dos sujeitos na construção da cidade de Sena Madureira. Vozes de resistências e sobrevivências que foram enclausuradas como “errantes”, “marginais” e “singulares”, reprimidas e silenciadas pela história oficial do progresso.

Buscamos na obra “A Gazeta do Purus” de Antonio José Souto Loureiro (1981), outra perspectiva na construção e execução de uma história de Sena Madureira a contrapelo dos recortes de jornais. Mas, sem perder de vista, que essa obra passou por um

7 Trecho da entrevista de P. M., Sena Madureira – AC, 2002.

8 Que não são consideradas virgens. O caso em tela trata-se do crime de estupro, a vítima é forçada a prática de ato sexual sem o seu consentimento e ainda é ameaçada caso venha a denunciar. O caso em questão agrava porque essa violência é praticada contra menores de idade.

processo de seleção e filtragem das informações. As discussões apresentadas sobre Sena Madureira mostram como a cidade foi construída a partir de múltiplos sujeitos que alicerçaram a construção do município. Porém, os recortes da Gazeta do Purus deixaram de escanteio as populações indígenas, os negros, os ribeirinhos, entre outras pessoas que viviam em trânsito na região. Essas informações buscam enaltecer uma cidade formada a partir da chegada de estrangeiros, como destacado no quadro abaixo:

Quadro 1 – Número de Habitantes em 1918

Brasileiros	2827
Estrangeiros	217
Total	3044

Fonte: Elaborado pelos autores a partir da obra: A Gazeta do Purus (Loureiro, 1981).

Apesar de Sena Madureira ser uma cidade, em 1904, formada por uma economia múltipla entre seringueiras e castanheiras, que propiciavam uma grande leva de produção desses produtos, os dados apresentados por Loureiro (1981) são passageiros em relação às diversidades de pessoas em trânsitos nesta região. Segundo o autor,

a partir de sua fundação em 1904, a cidade progrediu rapidamente, por se encontrar em uma das mais ricas regiões da Amazônia, onde a seringueira estava consorciada à castanheira, propiciando grandes safras anuais dos dois produtos (Loureiro, 1981, p. 85).

Por isso, foi importante buscarmos em outras fontes históricas, por exemplo, jornais, depoimentos, relatórios departamentais, entre outros; uma alternativa de construir uma “história a contrapelo” desses dados econômicos e políticos. O espaço-lugar de trânsitos pode ser entendido como um espaço que conecta lugares diferentes e que é marcado por fluxos, encontros e sentimentos. É um espaço que permite a circulação de pessoas, objetos, ideias e práticas culturais, e que pode ser caracterizado pela diversidade e pela multiplicidade de sentidos.

Aprendemos a ler como se deve ler para constatar o que estava dado, aquilo que a escrita da colonização intencionava. Mas a colonização é mais do que colonizar o espaço, segundo Certeau (2000), coloniza os sentidos; é necessário descolonizar a mente, dar espaço para a subjetividade, já que os nossos corpos estão sempre habituados à disciplina. A escrita consegue fazer isso com muita força por meio da escola e o nosso olhar se habitua a receber metáforas ao invés de produzir novas metáforas para produzir outras histórias e assim, vamos nos acostumando a considerar “normal” silenciar memórias, eleger histórias, histórias de um lugar e de pessoas, por exemplo.

O Estado financiava os pesquisadores internacionais até o século XVIII; padres, governadores, viajantes e prefeitos que relatavam com detalhes tudo, sob o argumento de que o Estado precisava se conhecer. Esses relatórios não são inocentes, continha apenas o que interessava ao Estado, servindo aos seus próprios interesses. Fomos narrados a partir de La Condamine (1992) e tantos outros que trataram de nos imaginar a partir de narrativas seculares, marcadas pelo vazio de muitas formas. Os rios foram rebatizados

nesse lugar lento, não moderno, longe, vazio de civilização, todas essas metáforas estão nos escritos que narram esse lugar, sobretudo, na literatura acreana.

É importante destacar a relevância de Euclides da Cunha (1986) e seus escritos para dizer esse lugar, que trata de marcar esse espaço incompleto, terrível, em formação, um ambiente com homens miseráveis, alcoólatras e a natureza cumpre o papel de “polir” esse homem rude. Na mesma lógica segue Neide Gondim (1994), quando afirma que Euclides tinha uma expectativa grande e seguia alimentando a construção de uma narrativa que buscava subjetivar o imaginário, para representar esse lugar. Milton Hatoum (2005) em “Cinzas do Norte” fala na mesma lógica amazonialista, do território que tem pium, quente e tem rios insalubres. Não foi possível nos livrarmos dessa lógica de narrar. Lógica também seguida em tempos recentes por Gerson Albuquerque (1995), que em um deslize, em sua dissertação de Mestrado, narra uma menina parecida com um espantalho, reflexo e fruto do amazonialismo que ele tanto combate e confronta.

A ideia é de interrogar e problematizar o óbvio ou continuar reproduzindo essa lógica amazonialista, colonizadora, dada por uma proximidade distante, tratando esses significantes e significados como dados da natureza que sempre estiveram ali. Fomos ensinados a separar a referência teórica da empiria, mas a empiria é simbólica, a realidade é sempre construída por conceitos, construções poderosas marcadas por interesses. Damos forma aos acontecimentos como se surgissem naturalmente, brotassem do chão, assim como “um espelho”, como se as palavras pudessem dizer “as coisas, realisticamente” (Albuquerque Júnior, 2014, p. 128).

A história ensinada na escola, na Educação Básica e até mesmo num curso universitário, aqui em Rio Branco ou em outro município do Acre tem sido, quase sempre, mera reprodução dessa visão hegemônica relacionada à Amazônia como espaço único, narrado a partir da sua geografia atravessada por rios e florestas, animais, índios, um lugar distante, atrasado, ignorando a diversidade cultural, étnica e linguística das pessoas que vivem aqui. Talvez, esse modo insistente e até perseverante, de tentar inaugurar caminhos outros, no sentido de buscar ir na contramão da reprodução do discurso hegemônico acadêmico predominante dentro da Universidade seja mesmo uma tentativa de “reparar”, de “descolonizar a mente”, de fazer ecoar outras vozes dentro de um espaço que habitualmente sujeitos das margens não poderiam falar.

O espaço-lugar de trânsitos pode ser compreendido como um local permeado por movimentos e fluxos, no qual diferentes narrativas, histórias e memórias se entrelaçam. Um exemplo emblemático desse fenômeno pode ser observado em Sena Madureira, um contexto no qual se evidenciam histórias e memórias que não receberam o prestígio merecido pela historiografia oficial.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A historiografia oficial, muitas vezes, tende a selecionar e privilegiar determinados relatos e acontecimentos, em detrimento de outros que não se enquadram em uma narra-

tiva dominante ou que são considerados periféricos aos grandes eventos históricos. Nesse sentido, Sena Madureira emerge como um espaço-lugar que abriga uma multiplicidade de histórias e memórias que foram marginalizadas ou negligenciadas pela narrativa histórica hegemônica.

Por meio de uma perspectiva descolonizadora, é essencial reconhecer e valorizar essas histórias e memórias não prestigiadas pela historiografia oficial. Elas podem revelar aspectos importantes da vida cotidiana, das experiências individuais e coletivas, bem como das dinâmicas sociais e culturais que permearam o espaço-lugar de trânsitos de Sena Madureira.

Explorar essas narrativas negligenciadas permitiu um maior entendimento da complexidade e diversidade das vivências humanas no tempo e no espaço. Ao dar voz a essas histórias e memórias não prestigiadas, é possível resgatar uma pluralidade de perspectivas e contribuir para a construção de uma história mais inclusiva, que vá além dos limites impostos pela historiografia oficial.

Assim, o espaço-lugar de trânsitos de Sena Madureira revela-se como um cenário fértil para a investigação e valorização dessas histórias e memórias não prestigiadas, possibilitando a construção de uma narrativa mais abrangente e representativa da diversidade de experiências humanas e da riqueza cultural desse cenário específico.

Nesse contexto, a valorização das histórias e das memórias não prestigiadas em Sena Madureira implica reavaliação crítica dos processos de construção da historiografia oficial. É necessário reconhecer que a seleção excludente de relatos históricos muitas vezes reflete uma perspectiva dominante, que privilegia determinados grupos sociais, eventos e narrativas em detrimento de outros.

Ao explorar as histórias e as memórias não prestigiadas, podemos ampliar nossa compreensão do passado e reconhecer a existência de múltiplas vozes e perspectivas. Essas narrativas negligenciadas podem abordar temas como resistência, marginalização, identidade e lutas sociais, revelando as experiências de grupos historicamente excluídos e as dinâmicas complexas que permeiam a vida em Sena Madureira.

Além disso, a valorização dessas histórias e dessas memórias não prestigiadas não implica simples inversão hierárquica, em que uma narrativa substitui a outra. Pelo contrário, é um convite para reconhecer a importância da pluralidade de vozes e perspectivas na construção de uma história mais inclusiva e abrangente.

Isso requer a abertura de espaços para o diálogo intercultural e intergeracional, em que diferentes narrativas possam ser compartilhadas, preservadas e debatidas. O envolvimento ativo da comunidade local, bem como a colaboração entre pesquisadores, historiadores, arquivistas e membros da sociedade civil são fatores fundamentais para promover uma abordagem mais democrática e participativa na produção do conhecimento histórico.

REFERÊNCIAS

- ACRE, Governo da Floresta. Sena Madureira 1904-2004. **Scenário**, 2004.
- ALBUQUERQUE, G. R. **Seringueiros, Caçadores e Agricultores**: trabalhadores do rio Muru (1970-1990). São Paulo: PUC - Dissertação de Mestrado, 1995.
- ALBUQUERQUE, G. R. História e Historiografia do Acre: Notas sobre os silêncios e a lógica do progresso. **Tropos: Comunicação, Sociedade e Cultura**, v. I, n. 4, p. 1-19, 2015.
- ALBUQUERQUE, G. R. Acre *In*: ALBUQUERQUE, G. R ; PACHECO, A.S. **Uwa'kürü**: dicionário analítico. Rio Branco: Nepan Editora, p. 14-30, 2016.
- ALBUQUERQUE, G. R. À margem da Lei: Práticas culturais na Amazônia Acreana. **Organon**, v. 35, n. 70, p. 1-18, 2020.
- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. Por uma história acre: saberes e sabores da escrita historiográfica. *In*: ALBUQUERQUE, Gerson Rodrigues de; ANTONACCI, Maria Antonieta. **Desde as Amazônias** – volume 2. Rio Branco (AC): Nepan Editora, 2014, pp. 113-137.
- ANTONACCI, M. A. Corpos negros desafiando verdades. *In*: ANTONACCI, M. A. **Memórias ancoradas em corpos negros**. São Paulo: EDUC, 2014.
- BARROS, J. D. **Fontes Históricas** – uma introdução aos seus usos historiográficos. Petrópolis: Editora Vozes, 2019.
- BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política**. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 2008.
- BOFF, L. **Cem anos da Ordem dos Servos de Maria na Amazônia – Acre – 1920 a 2020**. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2020.
- CERTEAU, M. **A Escrita da História**. Tradução de Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 2000.
- CUNHA, E. **Um paraíso perdido**: ensaios, estudos e pronunciamentos sobre a Amazônia. Organizado por Leandro Tocantins. Rio de Janeiro: José Olympio Editora; Rio Branco AC): Fundação de Desenvolvimento de Recursos Humanos, as Cultura e do Desporto do Governo do Estado do Acre, 1986.
- FICARELLI, A. M.; MILANEZ, J. M.; VIEIRA, D. M. R. **Servos de Maria**: 1º Centenário no Brasil 1920-2020. São Paulo (SP): Cosmos, 2018.
- FOUCAULT, M. **Em Defesa da Sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- GLISSANT, E. **Introdução a uma poética da diversidade**. Tradução de Enilce Albergaria Rocha. Juiz de Fora (MG): Editora da UFJF, 2005.
- GONDIM, N. **A invenção da Amazônia**. São Paulo, SP: Marco Zero, 1994.
- HATOUM, M. **Cinzas do Norte**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Brasileiro de 2022**. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ac/sena-madureira/panorama>>. Acesso em: Set./2024.
- LA CONDAMINE, C. M. **Viagem pelo Amazonas (1735-1745)**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; São Paulo: EDUSP, 1992.
- LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Tradução de Bernardo Leitão. 5º Ed. Campinas: Editora da UNICAMP. 2003.
- LOUREIRO, A. J. S. **Gazeta do Purus**: Scenas de uma epocha (Senna Madureira, 1918/1924). Manaus: Imprensa Oficial. 1981.
- MALDI, D. A questão da territorialidade na etnologia brasileira. **Sociedade e Cultura**, Goiânia, v. 1, n. 1, 2007.
- PIZARRO, A. **Amazônia**: as vozes do rio, imaginário e modernização. Trad. Rômulo Monte Alto. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2012.
- QUEIROZ *et al.* O incesto dentro da sociedade de Sena Madureira *In*: SOUZA, Carlos Alberto Alves de (Org.). **Sena Madureira. Outros 100 anos de História**: Andanças de um povo. Gabinete do Senador Tião Viana, 2004, p. 115-130.

- SEBRAE – Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas – **Sena Madureira: Setores econômicos/2022**. Disponível em: <<https://datampe.sebrae.com.br/profile/geo/sena-madureira>>. Acesso em: Set./2024.
- SOUZA *et al.* Prostitutas do bairro Bananal em Sena Madureira. In: SOUZA, C. A. A. (Org.). **Sena Madureira. Outros 100 anos de História**: Andanças de um povo. Gabinete do Senador Tião Viana, 2004, p. 99-113.
- SOUZA, Maria Mavy Dourado de. (Irmã). **Uma história de vida e fé**. Padre Paolino Baldassari. 2010.